

DISCOTECAGEM AFRODIASPÓRICA E DIÁLOGOS LATITUDES AFRICANAS NO CAMPUS DOS MALÊS DA UNILAB EM 2026

Durval M. G. Ocante¹
Basilele Malomalo²

RESUMO

A “Discotecagem Afrodiaspórica” e os “Diálogos Latitudes Africanas” são subprojetos do projeto de extensão da UNILAB “Latitudes Africanas: Núcleo Ancestral de Arte, Cultura e Tecnologia - 2026”. A primeira atividade articula reflexão, vivência corporal e apresentações artísticas. Inicialmente, participantes de diferentes nacionalidades - angolana, brasileira, congolesa, guineense, moçambicana e são-tomense - apresentam músicas-danças tradicionais e modernas e discutem as filosofias nelas presentes. Em seguida, vivenciam corporal e sensorialmente essas estéticas, compartilhando experiências e energias. O terceiro momento acolhe apresentações individuais ou coletivas e valoriza talentos, especialmente os da juventude negra. Ao final, realiza-se uma breve avaliação da atividade e estabelecem-se alguns compromissos para que a arte, de forma particular, a poesia, a música e danças guiem os corpos dos/as participantes. Os Diálogos Latitudes Africanas, por sua vez, promovem debates sobre aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais dos países africanos. As duas ações buscam despertar o senso crítico, proporcionar reflexão e lazer e favorecer a integração e a cooperação entre os povos.

Palavras-chave: África; Diáspora; Arte; Cultura.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidade e Letras - Malês, Discente, durvalmendonca@aluno.unilab.edu.br¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidade e Letras - Malês, Docente, basilele@unilab.edu.br²



Nos Olhos
Do
SITE
XI SEMANA
UNIVERSITÁRIA

**Diversidade,
Inclusão e
Transformação Social**

INTRODUÇÃO

A relevância do trabalho de extensão apresentado neste texto reside na urgência de reconhecer e promover o rico patrimônio cultural e científico da África e da diáspora, frequentemente marginalizado ou mal compreendido. As atividades apoiam-se nas experiências bem-sucedidas das iniciativas "Batuque: filosofia, estética, corpo e danças africanas" e "Latitudes Africanas: mídias sociais e publicações alternativas", com o propósito de consolidar um núcleo de arte, cultura e tecnologia ancestral.

A "Discotecagem Afrodiaspórica" integra tecnologias ancestrais e digitais ao abordar diferentes estéticas africanas, como dança, música, literatura, poesia, oralitura, cinema, moda e espiritualidade. Os "Diálogos Latitudes Africanas" concentram-se em debates sobre aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais dos países africanos. Em conjunto, as iniciativas promovem a cidadania intercultural e fortalecem as culturas africanas e afro-diaspóricas.

Em 2025, o projeto "Batuque: Filosofia, Estética, Corpo e Danças Africanas" tornou-se uma subação do Latitudes Africanas e passou a chamar-se "Batuque: Dança, Música e Emancipação", no âmbito do qual ocorre a Discotecagem Afrodiaspórica. Em 2026, a iniciativa deu continuidade às suas atividades paralelamente aos "Diálogos Latitudes Africanas", espaço dedicado à discussão de temas atuais dos países africanos. As ações destinam-se à formação de estudantes, artistas, agentes culturais e do público em geral.

METODOLOGIA

A metodologia do projeto "Latitudes Africanas: Núcleo Ancestral de Arte, Cultura e Tecnologia - 2026" fundamenta-se na epistemologia do Ubuntu (Malomalo, 2014, 2016) e na pesquisa-ação (Tripp, 2005). Essas abordagens orientam o trabalho pelos princípios da participação solidária, da produção coletiva de conhecimento, da valorização do sensível, da autonomia recíproca, da crítica e autocritica permanentes e da transformação social. Na Discotecagem Afrodiaspórica, o trabalho ocorre em três momentos. No primeiro, participantes de nacionalidades angolana, brasileira, congolesa, guineense, moçambicana e são-tomense apresentam, por meio de datashow, uma música-dança tradicional e outra moderna, seguidas de uma discussão sobre as filosofias nelas presentes. O segundo momento consiste na vivência corporal e sensorial das estéticas apresentadas, com o envolvimento de todos e o compartilhamento de experiências e energias. No terceiro, realizam-se apresentações artísticas individuais ou coletivas, com especial valorização dos talentos da juventude negra. Por fim, avalia-se brevemente a atividade e estabelecem-se compromissos para que a arte, sobretudo a poesia, a música e a dança, esteja presente na vida dos participantes.

Nos "Diálogos Latitudes Africanas", o trabalho é desenvolvido em duas etapas. Primeiro, os debatedores compõem uma mesa para abordar o tema escolhido, sob a mediação de um integrante do projeto. Em seguida, abre-se ao público uma sessão de perguntas e contribuições, a fim de envolver os estudantes na construção do conhecimento e no desenvolvimento da capacidade crítica.

Dessa forma, as ações foram executadas do seguinte modo:

- A Discotecagem Afrodiaspórica, vinculada ao subprojeto "Batuque: Dança, Música e Emancipação", foi realizada em 10, 12 e 13 de março, 8 de abril, 8 e 13 de maio e 7 e 15 de junho de 2026, na quadra e no auditório do Campus dos Malês da UNILAB. As atividades de março, ocorridas durante a paralisação estudantil, constituíram espaços de interação intercultural por meio das danças, linguagens e expressões culturais de estudantes de diferentes nacionalidades, evidenciando a importância da ação para as populações africanas e afro-diaspóricas.
- Os "Diálogos Latitudes Africanas" ocorreram em 23 e 27 de fevereiro e em 14 e 30 de abril de 2026. As atividades estimularam o debate e a reflexão, permitindo que os estudantes expressassem suas opiniões e confrontassem ideias divergentes com respeito. As variações observadas decorreram da diversidade do

público e dos temas propostos. Em 2 de maio de 2026, um diálogo abordou a migração e os ataques violentos contra africanos residentes na África do Sul.

A avaliação, princípio fundamental da pesquisa-ação (Tripp, 2005), foi empregada continuamente para identificar acertos e dificuldades, aperfeiçoar o trabalho e compreender os impactos das atividades. O processo incluiu reuniões regulares da equipe, consultas espontâneas ao público, pesquisas mensais e, ao final do semestre, além de interações nas mídias sociais do Latitudes Africanas.

O texto em pauta foi inicialmente escrito pelo bolsista, corrigido pelo coordenador do projeto e revisado gramaticalmente pelo ChatGPT.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A questão investigada diz respeito à necessidade de desenvolver uma consciência cidadã sobre as africanidades e a negritude (D'Adesky, 2001; Gutto, 2006). Isso implica desafiar paradigmas que reduzem a musicalidade e a estética negras à dimensão corporal, ignorando sua profundidade intelectual e simbólica (Treece, 2003). Os "Diálogos Latitudes Africanas" também abordam a atualidade dos países africanos sob diferentes perspectivas, favorecendo um olhar produzido de dentro para fora do continente e contribuindo para a formação dos estudantes.

O trabalho apoia-se nos conceitos de "corpo simbólico" e "si-mesmo corporal", de Muniz Sodré (2017). Eles distinguem a concepção ocidental de corpo da compreensão africana, na qual o corpo se torna sujeito coletivo por meio dos rituais e da participação solidária na comunidade cósmica. Conforme Clémentine Faik-Nzuji (2000), a linguagem é compreendida de modo amplo: abrange não apenas a língua, mas todas as formas de expressão que representam e significam o mundo e o ser humano. Nessa perspectiva, a estética negra estabelece padrões de beleza ancorados nas realidades das comunidades negras do continente e da diáspora.

O projeto também recupera a função litúrgica da arte africana e afro-diaspórica, com ênfase no batuque-macumba, compreendido como instrumento de percussão e pedagogia libertadora. O batuque caracteriza-se como um "canto-dança coletivo libertador", capaz de gerar um movimento de estetização política e ética da vida (Malomalo, 2016). As tecnologias digitais, por sua vez, ampliam a visibilidade e a circulação do trabalho e atuam como tecnologia social afro-diaspórica e antirracista (Silva, 2020).

Nesse contexto, as iniciativas fomentam a integração e a colaboração entre os povos africanos, sobretudo os dos PALOP, e o Brasil. Para isso, mobilizam a dança, a música e outras expressões artísticas africanas e afro-diaspóricas - literatura, poesia, teatro, moda e cinema, entre outras - como meios de produção compartilhada de conhecimento.

A execução incluiu reuniões mensais de planejamento com a equipe do Grupo de Pesquisa África-Brasil e sua linha de pesquisa Governança em Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação na CPLP. Também foram promovidas atividades educativas sobre linguagens negras - poesia, canto, dança e música africanas e afro-diaspóricas -, além de palestras sobre gestão de carreira e cuidados corporais para artistas.

As iniciativas alcançaram um público amplo e diversificado. O público externo reuniu estudantes do ensino médio e universitários, colaboradores da Casa Verde, em Itapuã, Salvador, além de lideranças religiosas e de movimentos sociais. O público interno da UNILAB foi composto por estudantes de graduação, docentes e servidores técnico-administrativos. Houve ainda o público virtual da CPLP, que acompanhou as ações pelas redes sociais do Latitudes Africanas: Instagram, Facebook e YouTube.

Ao todo, foram realizadas oito atividades de "Batuque: Música, Dança e Emancipação" em 10, 12 e 13 de março, 8 de abril, 8 e 13 de maio e 7 e 15 de junho de 2026. Também ocorreram quatro atividades de

"Diálogos Latitudes Africanas" em 23 e 27 de fevereiro e 14 e 30 de abril, além do diálogo de 2 de maio, sobre migração e violência contra africanos residentes na África do Sul.

As ações contribuíram diretamente para a formação de uma consciência cidadã sobre as africanidades e a negritude entre a equipe executora e os participantes. O projeto difundiu o patrimônio cultural e científico africano e da diáspora, promoveu o respeito à diversidade e à coexistência pacífica e incentivou a valorização da cultura negra, da autoestima e de identidades afirmativas. Bolsistas e voluntários foram capacitados para organizar atividades acadêmicas e culturais ligadas às linguagens estéticas e às culturas africanas e da diáspora. A Discotecagem Afrodiaspórica, em particular, proporcionou aprendizagem, lazer e desenvolvimento humano, pessoal e profissional por meio da arte e da cultura. Desse modo, o Núcleo Latitudes Africanas contribuiu para a missão da UNILAB e para o enfrentamento do epistemicídio.

Conforme suas Diretrizes (UNILAB, 2010), a instituição valoriza as línguas, as literaturas e as artes negras como instrumentos de educação emancipatória. No núcleo, a articulação entre ensino, pesquisa e extensão constitui uma prática pedagógica fundamental, coerente com a inserção curricular da extensão e com a construção de novos paradigmas para as universidades públicas brasileiras.

A manutenção da Plataforma Digital Integrada de Latitudes Africanas (PDILA/LA-TIC), que reúne YouTube, podcast, Facebook e Instagram, constitui uma tecnologia social afro-diaspórica e antirracista (Silva, 2020). A quantidade de publicações e seguidores confirma o alcance das informações compartilhadas sobre as realidades africanas e diaspóricas.

CONCLUSÕES

Os objetivos do projeto foram alcançados, com impactos na conscientização cidadã e no fortalecimento das culturas africanas e afro-diaspóricas. Iniciado em São Francisco do Conde, Bahia, o Latitudes Africanas consolidou-se como espaço de formação para estudantes, artistas, agentes culturais e demais interessados em tecnologias ancestrais, como a dança e a música, e em tecnologias digitais de informação e comunicação. Sua metodologia, fundamentada na epistemologia do Ubuntu, articula participação solidária, produção coletiva de conhecimento, valorização do sensível, autonomia recíproca, crítica, autocrítica e transformação social (Malomalo, 2016; Santos; Meneses, 2010).

Ao utilizar a dança-música africana e afro-diaspórica como ponto de partida para investigar a diversidade das expressões estéticas negras, o projeto promoveu uma educação cidadã e colaborou para a valorização das línguas, literaturas e artes negras como instrumentos de educação libertadora. Também reafirmou a missão da UNILAB de difundir o patrimônio cultural e científico africano e de aproximar o Brasil dos países africanos, especialmente os PALOP.

Em síntese, as atividades de "Batuque: Música, Dança e Emancipação" e de "Diálogos Latitudes Africanas" articularam arte, cultura e tecnologia na promoção da cidadania intercultural, na formação de pessoas e no fortalecimento das culturas africanas e afro-diaspóricas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à UNILAB, por meio do PIBEA, pela concessão da bolsa que viabilizou a execução deste trabalho.

REFERÊNCIAS

D'ADESKY, Jacques. Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismo e anti-racismo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

FAIK-NZUJI, Clémentine. Arts africains: signes et symboles. Bruxelles: De Boeck & Larcier, 2000.

MALOMALO, Bas'Ilele. Macumba, macumbização e desmacumbização. In: SILVEIRA, Ronie Alexsandro Teles da; LOPES, Marcos Carvalho (orgs.). A religiosidade brasileira e a filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. p. 132-160.

_____. Filosofia do Ubuntu: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2014.

MALOMALO, Bas'Ilele; RAMOS, Jeannette Filomena Pouchain. Arte, ciência e diversidade: educação para a liberdade - relembrando os 13 anos da Lei nº 10.639/2003. In: MALOMALO, Bas'Ilele; RAMOS, Jeannette Filomena Pouchain (orgs.). Cá e acolá: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Fortaleza: UECE, 2016. p. 7-28.

GUTTO, Shadrack B. O. Toward a new paradigm for pan-African knowledge production and application in the context of the African Renaissance. International Journal of African Renaissance Studies: Multi-, Inter- and Transdisciplinarity, v. 1, n. 2, p. 306-323, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

SILVA, Tarcízio et al. (orgs.). Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afro-diaspóricos. São Paulo: LiteraRUA, 2020.

SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis: Vozes, 2017.

TREECE, David. Linguagem, música e estética negra. Ethnos Brasil, ano 2, n. 3, p. 51-66, mar. 2003.